



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

URIEL RICARDO DE ARAÚJO

**O QUE NOS DÁ MEDO?**  
**ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DO MEDO EM PRODUÇÕES**  
**AUDIOVISUAIS PRÉ E PÓS PANDÊMICAS**

**BRASÍLIA**

**2023**

URIEL RICARDO DE ARAÚJO

**O QUE NOS DÁ MEDO?**

**ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DO MEDO NAS PRODUÇÕES  
AUDIOVISUAIS PRÉ E PÓS PANDÊMICAS**

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau Bacharel em Comunicação Organizacional, sob a orientação do Professor João Lanari Bo.

Brasília

2023

URIEL RICARDO DE ARAÚJO

**O QUE NOS DÁ MEDO?**

**ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DO MEDO NAS PRODUÇÕES  
AUDIOVISUAIS PRÉ E PÓS PANDÊMICAS**

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau Bacharel em Comunicação Organizacional, sob a orientação do Professor João Lanari Bo.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. João Lanari Bo

Orientador

---

Profa. Dra. Denise Moraes

Examinadora

---

Profa. Dra. Mariana Souto

Examinadora

---

Profa. Dra. Elen Cristina Geraldês

Suplente

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, José Ricardo e Maria Gorete, que me educaram primeiramente para ser uma boa pessoa, lutando sempre pela minha formação. Agradeço imensamente pela entrega e amor dedicados a mim e minhas irmãs.

A Ana Carolina e Maria Helena, minhas irmãs, que desde o início me incentivaram a ingressar na Universidade de Brasília. O seu exemplo de dedicação e esforço para atingir esse objetivo me motivou a atingir o meu.

A Débora Elis, pelo amor, atenção e companheirismo que foram fundamentais para a conclusão desse trabalho. Agradeço pelas longas conversas e maratonas de filmes, sem a sua participação esse processo teria sido muito mais árduo e solitário.

Ao meu orientador, João Lanari Bo, pela disponibilidade e pronta ajuda que foram indispensáveis ao longo dos últimos meses.

Aos meus amigos, sobretudo, os que tornaram a rotina que seria aterrorizante de embarcar na linha 110 a caminho da rodoviária às 23h, uma experiência leve e descontraída.

À Universidade de Brasília e toda sua grade de funcionários, que tornam possível o desenvolvimento científico e a mudança de vida de milhares de alunos.

## RESUMO

A presente pesquisa busca entender os usos e sentidos que o medo adquire nas produções audiovisuais do gênero de horror inseridas em uma realidade aterrorizante provocada pela pandemia do Covid 19. Que estruturas narrativas, alegorias e temas constituem as produções realizadas após o enfrentamento de um medo real. O horror retrata as angústias e aflições da sociedade, proporcionando paralelos entre a realidade e a ficção que ajudam a compreender as características da sociedade que faz parte. Tais produções fornecem espelhos para os medos de seu tempo, portanto analisaremos três produções que apresentam em sua construção medos sociais contemporâneos e paralelos com a realidade. São elas: “O Homem Invisível” (2020), “A Lenda de Candyman” (2021) e “The Last of Us” (2023).

**Palavras-chave:** Medo, cinema de horror, pandemia, realidade aterrorizante, imaginário coletivo.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução .....</b>	<b>08</b>
1.1 Breve história do Horror no cinema .....	10
1.2 O horror cinematográfico e a realidade.....	13
<b>2. Problema de Pesquisa .....</b>	<b>18</b>
<b>3. Objetivos .....</b>	<b>19</b>
<b>4. Apresentação da Estrutura .....</b>	<b>20</b>
<b>5. Justificativa .....</b>	<b>22</b>
<b>6. Referencial Teórico .....</b>	<b>24</b>
<b>7. A Realidade Aterrorizante .....</b>	<b>25</b>
7.1 Cinema de horror e a pandemia .....	26
<b>8. Análise da Representação do Medo em Produções Audiovisuais Pós Pandêmicas .....</b>	<b>29</b>
8.1 O Homem Invisível .....	29
8.1.1 Este filme é sobre .... Relacionamentos Abusivos .....	29
8.2 A Lenda de Candyman .....	33
8.2.1 Este filme é sobre .... Ciclos de Violência Racial .....	34
8.3 The Last Of Us .....	37
8.3.1 Esta série é sobre ... Relacionamentos .....	38
8.3.2 “Quando estiver perdido na escuridão” .....	38
8.3.3 “Por muito, muito tempo” .....	40
<b>9. Considerações Finais .....</b>	<b>43</b>
<b>10. Referências .....</b>	<b>45</b>
10.1 Filmografia .....	45
10.2 Bibliografia .....	46

## Lista de Figuras

Figura 01	Chegada de um trem à estação de la ciotat	p. 10.
Figura 02	Halloween	p. 12
Figura 03	Hereditário	p.13
Figura 04	Guerra Mundial Z	p.15
Figura 05	Cemitério em Manaus, maio de 2020	p.16
Figura 06	Papa Francisco reza sozinho, março de 2020	p.26
Figura 07	O Homem Invisível	p. 30
Figura 08	O Homem Invisível	p.31
Figura 09	O Homem Invisível	p.32
Figura 10	A Lenda de Candyman	p.33
Figura 11	O Mistério de Candyman	p.34
Figura 12	A Lenda de Candyman	p.36
Figura 13	The Last of Us	p.37
Figura 14	The Last of Us	p.39
Figura 15	The Last of Us	p.41

## 1. INTRODUÇÃO

Dentre as forças que atuam na sociedade, poucas desempenham tamanho poder e influência quanto o medo. Desde que nascemos ele surge como um instinto básico, servindo como alerta de perigo, desencadeando uma série de reações fisiológicas e emocionais no indivíduo. Sentir medo de um objeto ou evento é ter a capacidade de avaliar sua periculosidade e pôr em prática uma série de ações a fim de limitar a força negativa e destrutiva deste objeto ou evento (CICERI, 2001). Assim, evidencia-se que este sentimento pode provocar reações quase animais no ser humano com o objetivo de neutralizar uma ameaça.

Durante sua história a humanidade passou pelo enfrentamento de diversas e constantes ameaças e assim o medo tornou-se constituinte não apenas dos sentimentos humanos e da experiência individual de mundo, mas se enraizou-se na sociedade e na forma como lidamos uns com os outros. Desse modo, as relações interpessoais e sociais passaram a ter em seu fluxo de ocorrência natural a avaliação da ameaça e da capacidade negativa e destrutiva desta relação. O longo caminho do homem até a contemporaneidade não foi desacompanhado das ameaças e medos, e ainda que existam medos universais e atemporais, como o medo da morte, os temores evoluíram e ganharam formas e contextos com o passar do tempo. Cada período possui medos comuns que eram próprios de seus tempos e realidades, como por exemplo o medo da ira dos deuses na Grécia antiga ou o medo de um apocalipse nuclear durante o período pós-Segunda Guerra Mundial. Portanto, observa-se que conjunturas sociais e culturais específicas geram medos específicos nos indivíduos dessas sociedades; esse fenômeno faz com que surjam medos coletivos.

As representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para produzi-las, uma multidão de espíritos diversos associaram, misturaram, combinaram suas ideias e seus sentimentos; longas séries de gerações acumularam aí a sua experiência e o seu saber. Uma intelectualidade muito particular, infinitamente mais rica e mais complexa que a do indivíduo aí está como que concentrada. (DURKHEIM, 1989, P.45)

Para Durkheim, as representações coletivas estendem-se não apenas no espaço como também no tempo, e são o produto da associação do sentimento de diversos indivíduos - e os medos, enquanto representações coletivas, seguem a mesma lógica. Não se limitam ao sentimento ou a percepção individual, os medos coletivos extrapolam essa barreira individual

do que é uma ameaça, e passam a representar um perigo para toda a sociedade ou parte dela. Assim, grupos de pessoas passaram a compartilhar medos semelhantes e incorporaram esses medos em suas culturas e histórias de modo a transformar o terror em um constituinte de narrativas.

Neste contexto o medo adquiriu ao longo dos anos um caráter pedagógico, que pode ser observado com clareza na tradição oral e nas fábulas contadas repetidamente às crianças: a história da Cuca que pegará a criança mal criada, ou da menina que encontra um lobo mau e assustador ao pegar um atalho para a casa da avó são exemplos claros de como o medo passou a ser constituinte de narrativas que buscavam educar e moldar o comportamento das pessoas a um determinado padrão.

O comportamento é a atividade contínua e coerente de um organismo integral. Embora, para propósitos teóricos e práticos, ele possa ser analisado em partes, devemos reconhecer sua natureza contínua de modo a resolver certos problemas comuns (SKINNER, 1953, P. 116)

O psicólogo americano B.F. Skinner define assim o comportamento, como algo contínuo e constituinte de um organismo maior, que possui essas características a fim de resolver problemas comuns. O uso de narrativas recheadas de terrores e sustos buscava justamente solucionar problemas sociais e limitar o comportamento ao que era esperado, limitando as ameaças externas. Essa narrativa não se limitou à tradição oral ou aos contos infantis, a curiosidade e a sedução que acompanha essas histórias logo foi levada às outras formas de contar histórias e acabou por achar um terreno muito fértil na sétima arte, o cinema.

O cinema surgiu no final do século XIX como uma grande novidade cultural e tecnológica, e logo nas primeiras exibições realizadas pelos irmãos Lumière um curioso caso teria acontecido durante a exibição do famoso filme “Chegada do trem à estação de La Ciotat. O público, que não estava acostumado com imagens em movimento, acabou confundindo a projeção com a realidade, e temendo o trem que se aproximava, teria abandonado o local. Este curioso caso nos mostra que desde sua origem o cinema tem a capacidade de gerar fortes reações a partir da representação da realidade, esta, por sua vez, serve como inspiração para as produções audiovisuais gerando enredos e narrativas.

**Figura 1: Chegada de um trem à estação de la ciotat**



### **1.1 Breve história do horror no cinema**

O medo, enquanto constituinte da realidade, não demorou para ser incorporado às narrativas e enredos cinematográficos. Agora, o medo não constitui narrativas apenas com o intuito de educar ou servir de alerta para uma ameaça: no cinema, o horror passa a ser usado como uma alegoria para a realidade.

“Entre os gêneros do cinema, o terror é o que usa de alegorias de forma mais visível. Seja em livros ou filmes, o terror recorre às alegorias para melhor situar suas histórias e atingir os verdadeiros medos do público, que não são os monstros e a escuridão, mas o que eles representam” (SANTOS, 2009, p.21)

Assim uma produção do gênero de horror passa a conduzir para a tela medos que estão presentes na sociedade, e usam alegoricamente monstros para representarem medos reais. A trajetória cinematográfica do gênero nasceu quase simultaneamente com o próprio cinema. Filmes como "O Castelo do Diabo" (1896) de Georges Méliès e "O Gabinete do Dr. Caligari" (1920) de Robert Wiene, estabeleceram as bases para o que viria a ser uma rica e variada

tradição. Esses filmes pioneiros exploraram temas como o medo, loucura e o sobrenatural, estabelecendo padrões e tropos que continuam a influenciar o gênero até hoje.

Ao longo do século XX, o gênero evoluiu e se diversificou, refletindo mudanças na sociedade, na tecnologia e na cultura. Desde os monstros clássicos da Universal, como Drácula e Frankenstein, até os psicopatas e assassinos em série dos filmes *slasher*, o horror sempre encontrou maneiras de se reinventar e se adaptar.

“O vampiro de almas” (1956), filme dirigido por Don Siegel, exemplifica bem essa relação trazendo a figura dos monstros minúsculos que invadem corpos e tomam o lugar dos cidadãos. Produzido em um ambiente imerso pelo medo comunista, o longa rapidamente foi entendido como uma metáfora para a presença de espiões soviéticos na sociedade americana. Percebemos como o contexto social e os medos coletivos podem servir como fonte para enredos cinematográficos. Há, ainda, o caminho inverso, no qual um enredo criado gera um medo no imaginário coletivo da sociedade (Durkheim, 2010). Para Durkheim o conjunto de crenças e sentimentos comuns aos membros de uma sociedade acaba por formar um sistema que tem vida própria e que é chamado de consciência coletiva ou comum (Durkheim, 2010).

Tomando como base esse conceito de Durkheim de “consciente coletivo”, podemos analisar o longa “A bruxa de Blair” (1999), no qual criou a lenda dessa bruxa, que teria assassinado jovens que decidiram gravar um documentário sobre a história. A produção do longa divulgou o filme como sendo um documentário real, chegando ao ponto de até os atores do filme terem de ficar longe das aparições públicas sustentando a farsa de que teriam sido mortos durante as filmagens. O longa foi um sucesso de público, a ideia de estar vendo em tela algo real impulsionou o marketing boca a boca gerando discussões e teorias infundáveis e consolidou de vez o subgênero do *‘found footage’*. Logo, vemos como o cinema é consumidor de medos sociais presentes no imaginário popular ao mesmo tempo que alimenta esse imaginário com novos medos.

É perceptível como o cinema de horror acompanha os seus contextos sociais; para exemplificar isso podemos analisar a tomada das produções de horror pelo subgênero *slasher* nos anos 70. O contexto social americano dessa década sugere que os subúrbios se tornassem cada vez mais distantes do ideal que representaram na década passada e passaram a ser cenários de violência. A atividade de *seriais killers*, como Ted Bundy, que aterrorizou jovens mulheres

entre os anos de 1974 e 1978, subverteu a imagem de segurança e estabilidade que os subúrbios tinham. Sem dúvida essa nova realidade seria adaptada ao cinema de horror.

Em 1978 é lançado o filme “Halloween” do diretor John Carpenter, que traz às salas de cinema um enredo que se tornaria muito comum nos anos seguintes: um assassino mascarado que ataca adolescentes em um subúrbio. Essa narrativa característica dos filmes *slasher* renova e atualiza um medo social, a chegada do mal à vizinhança, local que deveria ser seguro. Esse enredo foi usado a exaustão durante os anos seguintes, com a criação de várias sequências e novas franquias. A fórmula desse subgênero passou por vários modelos e diferentes roupagens, porém estes filmes não conseguiram incorporar novos medos sociais às suas narrativas. Essa repetição da fórmula levou ao desgaste do gênero.

**Figura 2: Halloween**



Finalizando essa breve introdução, cabe ressaltar que o gênero do horror como um todo passou por mudanças significativas na última década. Filmes como a ‘A bruxa’ (2016), ‘Babadook’ (2014) ou ‘Hereditário’ (2018) trouxeram novas perspectivas para o gênero, explorando dúvidas e ansiedades internas de seus personagens e como elas se projetam nas relações interpessoais, de modo a trazer essas temáticas para o centro do debate. Essa nova roupagem deu margem a uma nova classificação, o cinema pós-horror – o qual, aliás, continua sendo um cinema que visa provocar horror ao público.

**Figura 3: Hereditário**



## **1.2 O horror cinematográfico e a realidade**

“Se a gente pensar bem, acontece muita coisa pior hoje em dia, umas pessoas serem assassinadas com uma faca não é lá grande coisa” (Halloween, 2018). Esta linha de roteiro presente no reboot da franquia ‘Halloween’ revela a preocupação do cinema de horror em se manter atualizado em relação ao que gera medo na sociedade contemporânea. O questionamento é válido, afinal de contas, um homem mascarado que assassina 3 ou 4 pessoas em uma noite teria o mesmo impacto que tinha em 1978? Uma sociedade líquida consumidora diária de programas televisivos que exploram a violência como linguagem, faz com que produções cinematográficas que trazem como enredo assassinatos à faca pareçam superficiais, primitivas, deslocados da realidade contemporânea, apesar de violentos. Bauman (2006)

explora como a sociedade líquido-moderna<sup>1</sup> tenta guardar seus medos, que assim como a sociedade, são líquidos.

No mundo líquido-moderno, os perigos e os medos são também de tipo líquido - ou seriam gasosos? Eles flutuam, exsudam, vazam, evaporam... Ainda não se inventaram paredes capazes de detê-los, embora muitos tentem construí-las. (BAUMAN, 2008, P.128)

Esse cenário tomado por medos que mudam constantemente e assumem diversas formas, foi elevado a máxima potência no início do ano de 2020. A pandemia do Covid 19 foi um marco na história recente da humanidade. Apesar de a humanidade ter um longo histórico de enfrentamento de epidemias, a pandemia ocasionada pelo coronavírus atingiu o mundo de forma surpreendente. Em questão de semanas o mundo passou a enfrentar uma nova realidade, que em muito parecia com o roteiro de filmes como “Guerra mundial Z” (2013) ou “Eu sou a lenda” (2007): contagem diária de corpos e os números crescentes de infectados passaram a fazer parte do cotidiano da população. Os telejornais adotaram, ainda que involuntariamente, a estética, narrativa e os enredos de um filme de horror. Um medo que antes era próprio do cinema tornou-se real, a sociedade estava agora experimentando um novo estágio de realidade aterrorizante que intensificou os medos sociais.

---

<sup>1</sup> “Para Zygmunt Bauman, a sociedade atual pode ser classificada como uma modernidade líquida (que seria uma substituição do termo “pós-modernidade”), que se tornou muito mais uma ideologia do que um tipo de condição humana.” Zygmunt Bauman e a sociedade líquida. Disponível em: <http://colunastortas.com.br/2014/04/11/zygmunt-bauman-sociedade-liquida/>. Acesso em: 14 de junho de 2023

**Figura 4: Guerra Mundial Z**



Esse novo momento agiu como um catalisador dos medos, anseios, e inseguranças da população em geral. O contexto de isolamento social e mortes diárias afetou a população de forma significativa, e trouxe inúmeras reflexões no âmbito comunicacional e midiático. As produções audiovisuais, assim como diversas outras atividades, foram interrompidas, e tiveram de se adaptar a esta realidade. E, para um mercado que sobrevive da representação e interpretação da realidade, a indústria audiovisual, sobretudo do gênero de horror, vislumbrou uma oportunidade única de explorar uma conjuntura social que levou as pessoas à uma experiência limítrofe. Agora, imagens que antes povoavam apenas o imaginário coletivo passaram a se materializar ao redor de todos, o medo tornou-se real.

**Figura 5: Cemitério em Manaus, maio de 2020**



“E daí, lamento. Quer que eu faça o quê” (BOLSONARO, 2020), falas como essa foram proferidas sem maiores escrúpulos pelo governante brasileiro ao ser questionado sobre o crescente número de vítimas do coronavírus no país, ainda que cenário epidêmico por si só já seria o suficiente para causar uma realidade dramática o cenário político global contribuiu para a intensificação desses medos, especialmente em grupos específicos da sociedade que não encontraram respaldo em seus governantes. Líderes mundiais como Jair Bolsonaro e Donald Trump tiveram durante a pandemia um comportamento de negação que prejudicou o enfrentamento da doença.

Todos esses fatores influenciaram a produção audiovisual, que passou agora a ter como público uma sociedade que enfrentou um vírus mortal e foi obrigada a lidar com os traumas decorrentes desse enfrentamento. Nesse cenário, o gênero do horror surge, por um lado, como um meio de analisar e interpretar essa nova realidade e, por outro, atua, curiosamente, como local de expurgo desses medos.

Nesta monografia analisaremos três produções audiovisuais que foram diretamente afetadas pela pandemia. Tendo sido produzidas durante os anos de 2019 a 2023, trazem narrativas que exploram medos coletivos, ao mesmo tempo que enfocam grupos específicos. As obras são “O homem invisível” lançado em 2020 e dirigido por Leigh Whannell; “A lenda de Candyman” (2021) da diretora Nia Dacosta; e por fim o seriado de televisão que adapta o game homônimo “The last of us” concebido por Craig Mazin, Neil Druckmann.

Por meio da análise de conteúdo, e tendo como base o artigo “Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s), publicado em 2009 por Manuela Penafria, exploraremos as três produções a fim de entender como elas trazem à tona a realidade inédita experienciada durante a pandemia.

Analisar um filme é sinónimo de decompor esse mesmo filme. E embora não exista uma metodologia universalmente aceita para se proceder à análise de um filme (Cf. Aumont, 1999) é comum aceitar que analisar implica duas etapas importantes: em primeiro lugar decompor, ou seja, descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar (Cf. Vanoye, 1994). (PENAFRIA, 2009, P.1)

Assim, por meio da decomposição e interpretação das obras, analisaremos se há cicatrizes sociais deixadas pelo horror do Covid 19 nas produções e quais são elas. Serão exploradas questões relativas à produção das obras, ao lançamento, à recepção do público sempre traçando paralelos com o momento que a sociedade enfrenta. Serão abordadas: que usos e sentidos do imaginário coletivo vêm à tona no audiovisual, e como eles repercutem na realidade imediata que ainda enfrenta a pandemia e suas consequências

Portanto, essa monografia busca, em última análise, explorar a relação entre ficção e realidade e, sobretudo, a forma como um público imerso nesse universo interage com as produções audiovisuais do gênero de horror, procurando responder a seguinte pergunta: quais tropos narrativos surgem no gênero de horror produzido para um público que está vivenciando uma realidade aterrorizante e como essa realidade torna-se constituinte do gênero?

## 2. PROBLEMAS DE PESQUISA

Como explorado acima, entendemos o medo como parte fundamental não apenas da sociedade contemporânea, mas também das produções culturais do gênero de horror. A relação que a humanidade construiu com o sentimento de medo ao longo de sua história tornou-se uma presença incontornável e, portanto, as problemáticas geradas a partir dessa relação configuram-se de modo tão intrigante.

Para iniciarmos a discussão acerca das problemáticas dessa pesquisa, vamos, primeiramente, entender como o homem contemporâneo reage ao medo. Para Bauman (2008) o medo se enraíza nos nossos motivos e propósitos e se estabelece em nossas ações, ele nos estimula a assumir uma ação defensiva. Esse pensamento evidencia que a resposta imediata ao medo é a proteção. Uma vez que estamos cercados pelo medo, nossa reação é se proteger, assim, a sociedade está em um ciclo de medo, em busca constante de proteção.

Bauman destaca ainda que “o ciclo do medo e as ações por ele ditadas não prosseguiriam ininterruptamente nem ganhariam velocidade se não extraíssem sua energia dos tremores existenciais” (BAUMAN, 2008, P.173). A proteção enquanto resposta aos tremores existenciais, é uma característica da sociedade contemporânea que pode ser observada nas produções do gênero de horror atuais e que será mais explorada na análise das obras, porém essa relação provoca questões que estão no cerne do nosso problema de pesquisa.

Uma vez que a reação natural da sociedade frente a um medo é a busca por proteção, a pandemia da Covid 19 e a conseqüente realidade aterrorizante proporcionada por ela gerou uma intensificação tanto nos tremores existenciais quanto na busca por proteção. Assim, buscamos compreender de que modo essa intensificação gerada pela pandemia é transportada para as produções audiovisuais que exploram o medo como combustível para suas histórias, e a partir dessa questão geral, exploraremos ainda as seguintes questões:

- a. De que modo os medos sociais específicos ou não de um grupo social, como o racismo e o feminicídio, são tratados nessas produções após a pandemia?
- b. Quais elementos são inseridos nas tramas como constituintes do gênero nesse novo cenário?
- c. De que modo a busca por proteção frente ao medo é representada?

Essas são as questões que guiarão este trabalho, a serem detalhadas nos capítulos seguintes, em particular na análise das obras.

### 3. OBJETIVOS

Dentre os objetivos dessa pesquisa destacamos um geral e um específico. Por um lado, investigar como as produções do gênero de horror desenvolvidas durante a pandemia exploram medos cotidianos frente aos tradicionais enredos do gênero, explorando como a sociedade, imersa num contexto assustador, interage com essas produções. Por outro, analisar os filmes “O Homem Invisível” (2020), “A Lenda de Candyman” (2021) e a série de televisão “The last of us” (2023) e entender como os medos cotidianos são usados enquanto constituintes das narrativas e como o imaginário coletivo criado por essas produções pode subverter a realidade assustadora criada pela pandemia do Covid19.

#### 4. APRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA

A presente pesquisa segue a estrutura de trabalho de conclusão de curso (monografia) segundo o regulamento do projeto experimental, projeto final ou trabalho de conclusão de curso disponibilizado no site da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Portanto, teremos a divisão clássica entre introdução, referencial teórico, desenvolvimento e conclusões. Na introdução, ainda que de forma não aprofundada, exploramos o tema que norteia toda a produção, assim como alguns dos textos que compõem o referencial teórico. Foram apresentadas ideias acerca do medo, sua relação com a sociedade e as formas como ele participa do gênero de horror; assim, o leitor está imerso no universo que a pesquisa se insere e tem os fios condutores que serão desenrolados ao longo da produção.

Após a introdução, seguimos para a justificativa e objetivos, que trazem de forma breve questões pessoais e acadêmicas que sustentam a realização deste projeto, posicionando o mesmo no universo próprio do autor e também no universo teórico que já possui estudos que tangem o tema central da pesquisa. Para posicionar de forma ainda mais clara neste universo acadêmico, a produção segue para a discussão teórica que será desdobrada no quinto capítulo, no qual trataremos de forma mais aprofundada a referência bibliográfica, explorando os conceitos e ideias desenvolvidas pelos autores que compõem a bibliografia.

O capítulo do referencial teórico dará fim a primeira parte do projeto, no qual o tema é explicitado e os conceitos e teorias são apresentados para que possamos iniciar o desenvolvimento do projeto, que será constituído, primeiramente, por uma discussão acerca da realidade aterrorizante experienciada durante os últimos anos relacionando-a com o contexto que envolveu as produções das obras que serão analisadas posteriormente e justificando a escolha das mesmas. Posteriormente a essa discussão, seguiremos para a análise das produções selecionadas. Para tanto, teremos como base para essa o artigo “Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)” publicado em 2009 por Manuela Penafria. A análise de cada produção terá início por sua relação com o momento temporal vivenciado pela sociedade, e após essa relação a análise seguirá segundo a metodologia de análise de conteúdo apresentada por Penafria em seu artigo:

Este tipo de análise considera o filme como um relato ... A aplicação deste tipo de análise implica, em primeiro lugar, identificar-se o tema do filme (o melhor modo para identificar o tema de um filme é completar a frase: Este filme é sobre . . .). Em seguida, faz-se um resumo da história e a decomposição do filme tendo em conta o que o filme diz a respeito do tema. (PENAFRIA, 2009, P.6)

Portanto, as análises dos dois filmes selecionados e dos episódios escolhidos da série televisiva, serão realizadas tomando como mote principal suas temáticas e o que é dito sobre elas, tanto pelo texto quanto pelos outros componentes audiovisuais das produções. Feita a análise das obras, o projeto seguirá para as conclusões. No seu capítulo final, o projeto buscará responder as perguntas elencadas no problema de pesquisa e resgatará os objetivos, a fim de observar se foram atingidos ou não.

## 5. JUSTIFICATIVA

O medo está presente em toda a sociedade, e é utilizado como fonte de inspiração em diversas produções, até mesmo em programas infantis como o clássico “Scooby Doo” (Hanna-Barbera, 1969) e “As terríveis aventuras de Billy e Mandy” (Cartoon Network, 2001), programas que marcaram a minha infância e moldaram meu imaginário com enredos, imagens e ambientações próprias do cinema de horror. Assim, este universo passou a ter lugar entre meus gostos pessoais e a formação acadêmica no curso de comunicação organizacional tornou-se uma grande oportunidade de estudá-lo e compreendê-lo de uma forma mais profunda, sobretudo em tempos que parecem tomar para si toda a estética e narrativa de um filme de terror.

A pandemia do coronavírus tornou real um cenário antes tão próprio do cinema de horror, e fez com que essas narrativas fizessem parte do dia a dia de todos, ainda que nem sempre proposital, os ideais e modelos presentes em determinada época são visíveis nos filmes produzidos no período, e sofrem influência de seu ambiente (SANTOS, 2009). Este triste cenário global, que evidenciou diversos medos sociais, proporciona um fértil campo de análise para diversos questionamentos acerca da forma como interagimos com o cinema de horror e como ele pode se relacionar com a realidade, sobretudo, em uma que torna reais medos vividos apenas por personagens de filmes. A experiência compartilhada por todos nós nos últimos 3 anos e a forma como a sociedade reagiu a esta realidade assustadora é o motor dessa pesquisa, e, ainda, como esses medos são transportados para as produções audiovisuais.

Temas como o apocalipse zumbi ou a revolta das máquinas não são novidades no gênero de horror, porém as produções contemporâneas deste universo têm cada vez mais explorado medos que afetam a sociedade cotidianamente de forma mais palpável, como por exemplo relacionamentos abusivos, discriminação racial, entre outros. O terror recorre às alegorias para atingir os verdadeiros medos do público (SANTOS, 2009), a partir desse raciocínio entendemos como o cinema atual usa de alegorias e imagens existentes no imaginário popular para explorar medos reais da sociedade, esses medos estão enraizados nas relações sociais e atuam de forma intensa, controlando a forma como lidamos uns com os outros.

O cinema de horror usa destes medos sociais como fonte para suas produções, porém em um contexto de isolamento social, contagem diária de corpos, uma pandemia global, e até mesmo líderes mundiais que zombam das vítimas desta tragédia, a realidade parece extrapolar a mente do mais criativo e sádico roteirista de filmes de terror. Este cenário possibilita que analisemos de forma singular como a sociedade reage a esta realidade que parece transportada

da série televisiva “The last of us” (2023), e ainda explorar como os medos que permeiam as relações sociais são abordados no cinema de horror produzido durante a pandemia do Covid19 – e, sobretudo, como a sociedade enfrenta um medo que saiu do campo imaginário e passou ao campo social.

Com esse parâmetro em mente, evidencia-se a necessidade de entender esta relação e ampliar o entendimento do que provoca o medo na sociedade, principalmente em um contexto no qual os medos são parte central da realidade.

## 6. REFERENCIAL TEÓRICO

No âmbito acadêmico o medo sempre foi motor de inúmeras pesquisas e estudos que buscam compreender o homem, sua mente e suas ações. Para Santos (2009) “Descobrir a origem do terror, logo, é descobrir a origem do homem”, deste modo, muitos foram os autores que buscaram definir o medo e traçar sua relação com a sociedade. Para Bauman “ ‘Medo’ é o nome que damos a nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la pensar ou enfrentá-lo, se cessá-la estiver além do nosso alcance.” (BAUMAN, 2008, P.8) Portanto, a nossa incompreensão frente um medo que surge causa uma inquietação e uma angustia, que afetam profundamente o homem.

Entendemos que o medo, ainda que tenha várias formas e seja experienciado de modos diferentes por cada indivíduo, possa ser identificado e catalogado de acordo com algumas características, Bauman classifica o medo em três tipos:

Alguns ameaçam o corpo e as propriedades. Outros são de natureza mais geral, ameaçando a durabilidade da ordem social e a confiabilidade nela, da qual depende a segurança do sustento (renda, emprego) ou mesmo da sobrevivência no caso de invalidez ou velhice. Depois vêm os perigos que ameaçam o lugar da pessoa no mundo – a posição na hierarquia social, a identidade (de classe, de gênero, étnica, religiosa) e, de modo mais geral, a imunidade à degradação e à exclusão sociais. (BAUMAN, 2008, P.10)

Assim, estabelecem-se classificações para o medo que nos auxiliarão no decorrer do projeto. Enquanto ameaça ao corpo e as propriedades, o medo é compreendido de forma clara como um perigo a materialidade. Em sua segunda classificação o medo assume uma posição de ameaça à ordem social, um ataque a forma como a sociedade vive cotidianamente, essa classificação em específico é cristalizada geralmente na ocorrência de catástrofes naturais ou doenças e, portanto, relaciona-se diretamente com a experiência pandêmica gerada pela Covid 19. Em sua terceira classificação, o medo ameaça não a materialidade ou a ordem social, mas a posição da pessoa no mundo e a forma como ela se identifica.

A partir dessas três classificações do medo segundo Bauman discutiremos as formas como esses medos são representados nas produções audiovisuais do gênero de horror. A popularidade do cinema de horror é notória, os fãs do gênero são fieis consumidores e defensores do mesmo, porém podemos nos perguntar como uma experiência que busca nos causar medo e desconforto pode ser tão popular, respondendo essa questão Mariani (2019) afirma:

Os filmes de terror são populares porque falam da condição humana básica, do medo existencial e das tentativas das pessoas de superar seus sistemas de crenças de medo. Para alguns, os filmes de terror exacerbam o medo existencial, mas para muitos outros, assistir a um filme de terror é uma maneira de colocar o medo existencial em sua perspectiva adequada. Aquilo que nos assusta torna-se menos intimidador uma vez compreendido (MARIANI, 2019, P.8)

Assim, o cinema de horror possui uma relação muito específica com a sociedade. A possibilidade de projetar em imagens os medos e angústias que cercam o imaginário coletivo da sociedade opera como um mecanismo no qual se explora em um ambiente seguro aquilo que nos aflige. Neste ambiente seguro, os medos são representados e o imaginário ganha vida, porém, essa relação ganhou uma nova configuração após o Covid19. Se para Durkheim as crenças e os sentimentos comuns aos membros de uma sociedade formam uma consciência coletiva (DURKHEIM, 2010), buscamos entender como, sobretudo, os sentimentos acerca do período pandêmico geram imagens e narrativas que se tornam constituintes do gênero do horror, e, ainda, como os medos que vinham sendo explorados ganham novos enfoques.

A compreensão do medo, das imagens e narrativas que permeiam o imaginário coletivo e seus usos na mídia não são novidade, entretanto, os estudos que buscam compreender essa relação se atualizam à medida que a sociedade se atualiza expressando medos e imaginários correspondentes a sua realidade. Esta pesquisa insere-se justamente nessa tradição, porém usa do contexto propiciado pela pandemia para analisar de forma privilegiada como a realidade aterrorizante dos últimos 3 anos renova a representação do medo nas produções audiovisuais e a recepção das produções no público.

Para a realização dessa análise, teremos como objeto de estudo 3 produções que se inserem no cenário pandêmico, e exploram medos sociais que foram intensificados com a realidade aterrorizante da pandemia. Primeiramente, analisaremos a relação do cinema de horror com a pandemia, trazendo dados sobre as produções e a forma como a sociedade acolheu cada uma delas. Posteriormente, as obras serão analisadas de modo a observamos como a bibliografia da pesquisa pode ser observada em suas narrativas e como essas podem auxiliar para que sejam respondidas as perguntas propostas no problema de pesquisa.

## 7. A REALIDADE ATERRORIZANTE

### 7.1 Cinema de horror e a pandemia

A pandemia do Covid 19 afetou de forma incontornável toda as esferas da sociedade. Trabalho, convívio social, lazer, tudo que antes era rotineiro tornou-se impossível de se realizar, a necessidade do distanciamento social e o medo de se infectar fizeram com o que o ano de 2020 adquirisse um enredo de filme de horror. Os centros das cidades esvaziaram-se e a sociedade processava as informações que eram publicizadas pelos jornais, a realidade tornou-se um terror.

Cenas que retratavam a crescente contagem de corpos ao mesmo tempo que reforçavam o forte sentimento de solidão marcaram os noticiários. A imagem do Papa Francisco que rezava em uma praça de são Pedro completamente inóspita tornou-se um símbolo desse período. A sociedade se defrontava com um medo antes impensável. Neste contexto, atividades antes realizadas de forma coletiva foram completamente paralisadas, dentre elas destacamos a prática de ir ao cinema.

**Figura 6: Papa Francisco reza sozinho, março de 2020**



Enquanto prática social, o cinema se sustenta por décadas com popularidade na sociedade. O isolamento social afetou essa prática e alavancou o consumo de filmes por outros meios, sobretudo os *streamings*. Nesses, a relação entre o gênero de horror e a pandemia foi traçada rapidamente. “A simulação é útil porque pode reduzir substancialmente o custo de explorar, experimentar e aprender sobre algum fenômeno, especialmente se esse fenômeno for perigoso.” (SCRIVNER et al, 2020), com esse pensamento entendemos como a simulação gerada por filmes de horror pode encontrar propósito em meio ao cenário pandêmico. Durante os primeiros meses do ano de 2020 o filme “Contagio” (2011) tornou-se um dos mais assistidos nas plataformas digitais, fato que exemplifica bem essa relação, uma vez que o filme retrata o que pode acontecer em uma pandemia viral.

Ao enfrentar um medo as pessoas buscam proteção (Bauman, 2008), ao consumir filmes de horror as pessoas buscam simular situações reais e encontrar meios para se preparar para confrontar seus medos. Essa relação pode ser apontada como uma das responsáveis pelo protagonismo dos filmes de horror durante a quarentena e durante a retomada das exibições em salas de cinema. Filmes como “Órfã 2: A Origem”, “O Telefone Preto”, “Sorria”, “Pânico V”, “Não! Não Olhe!” “Halloween Ends”, “Exorcismo Sagrado”, “A Luz do Demônio” e “O Homem do Norte”, todos lançados em 2021 no Brasil, venderam mais de 7,5 milhões de ingressos, representando 8,6% de todos os tickets comercializados no ano até aquele momento no país. Isso sem considerar estreias de filmes menores, mas que ainda ganharam destaque, como por exemplo, “X - A Marca da Morte”. Esses dados mostram como o gênero ganhou folego e relevância durante a pandemia.

Vale ainda destacar lançamentos de plataformas digitais que apresentaram um novo modelo de consumo e de divulgação, como por exemplo o lançamento da trilogia “Rua do medo” (*Netflix*, 2021), o qual foi realizado de modo que cada um dos três filmes da trilogia fosse lançado com apenas uma semana de diferença para o anterior. Essa estratégia fez com que a franquia fosse um dos assuntos mais comentados nas redes sociais e dominasse o ranking dos filmes mais assistidos da plataforma durante as semanas de lançamento dos filmes.

Este panorama sobre a relação dos filmes de horror e a pandemia esclarece a importância que o gênero teve para o cinema durante a quarentena e durante o processo de retomada das atividades presenciais. Inseridos neste contexto surgem as três produções que serão analisadas nos próximos capítulos. A escolha por essas três produções se dá, primeiramente, pela temática de cada uma delas possibilitar a análise da representação dos medos sociais em obras que ocorrem durante a pandemia, e assim, possibilita que sejam traçados paralelos com o momento

em que cada uma delas foi lançada, uma no auge da pandemia durante o ano de 2020, outra num segundo momento de assimilação e enfrentamento da mesma, e ainda uma última produção que veio ao público no início do ano de 2023. Como uma segunda características que determinou a escolha dessas obras é o fato de todas elas estarem diretamente relacionadas á produções anteriores da mesma franquia, ainda que em mídias diferentes como é o caso da série “The last of us” que é uma adaptação de um vídeo game homônimo. Ainda que não seja o foco principal das análises, este fato possibilita que observemos como os medos e temáticas foram explorados anteriormente.

## 8. ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DO MEDO EM PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS PÓS PANDÊMICAS

### 8.1 “O Homem Invisível”

Iniciando as análises, começaremos pelo filme de 2020, “O homem Invisível”, releitura do romance clássico de H.G. Wells. Acompanhamos nessa versão Cecilia Kass, protagonista interpretada por Elisabeth Moss, que vive um relacionamento abusivo com o namorado Adrian Griffin (Olivier Jackson-Cohen), brilhante cientista da área ótica. Cecilia, com a ajuda da irmã Emily, planeja fugir da mansão em que vive com Adrian. Ainda que não ocorra como planejado, ela consegue escapar. Pouco tempo após a fuga, Cecci recebe a notícia do suicídio de Adrian, e a partir desse momento ela passa a ser atormentada por acontecimentos que parecem sobrenaturais. A premissa do filme traz atualizações ao enredo clássico proposto por Wells em 1897, na versão atual temos como foco não mais o homem que se torna invisível, mas sim a mulher que é atormentada pelo namorado abusivo, mesmo antes dos acontecimentos sobrenaturais, ela está no centro da trama. Assim, podemos afirmar que “O homem invisível” (2020) é um filme sobre relacionamentos abusivos, e o medo, sobretudo feminino, de sofrer violências em um relacionamento.

O filme foi lançado no Brasil em 27 de fevereiro de 2020, um dia após a confirmação do primeiro caso de Covid 19 no país. A doença começava a se espalhar pelo mundo, porém ainda não se imaginava a gravidade da pandemia que se iniciava. Neste cenário, o filme estreou ao redor mundo com uma boa aprovação do público e crítica, porém após duas semanas nos cinemas o filme foi disponibilizado em plataformas online devido as medidas de restrição causadas pela pandemia.

#### 8.1.1 Este Filme é sobre . . . Relacionamentos Abusivos

Seguindo o método de análise temática proposto por Penafria (2009), entendemos que o tema principal que o filme aborda são os relacionamentos abusivos e suas consequências para a vítima, assim como os meios de violência que o abusador dispõe. Essa temática tem como base um medo social contemporâneo que aflige, sobretudo, as mulheres. Por meio das definições de Bauman (2008) sobre os tipos de medos, podemos classificar a ameaça que está relacionada intrinsecamente ao relacionamento abusivo como uma ameaça ao corpo. No

desenrolar da trama de o “O Homem Invisível” vemos como o corpo (física e, sobretudo, mentalmente) da protagonista Cecilia gradativamente se deteriora.

Após receber a notícia do suicídio de Adrian, Cecci (apelido da protagonista) vai morar com o simpático policial James (Aldis Hodge) pai de Sydney (Storm Reid). Ao mesmo tempo que a notícia da morte do ex-companheiro traz uma tranquilidade momentânea para a protagonista, coisas estranhas começam a acontecer. Cecilia vive com medo, e se torna a representação da mulher que vive a sombra de um abusador. Ela não consegue realizar atividades básicas como caminhar na rua ou buscar correspondências que estão a poucos passos da porta de casa. Há um primeiro momento de desconfiança sobre a existência ou não de um homem invisível na trama, para criar essa incerteza o filme usa um artifício muito comum em relações abusivas: colocar em dúvida a sanidade mental da mulher. Analisaremos essa questão a partir de uma cena específica – a entrevista de emprego de Cecilia.

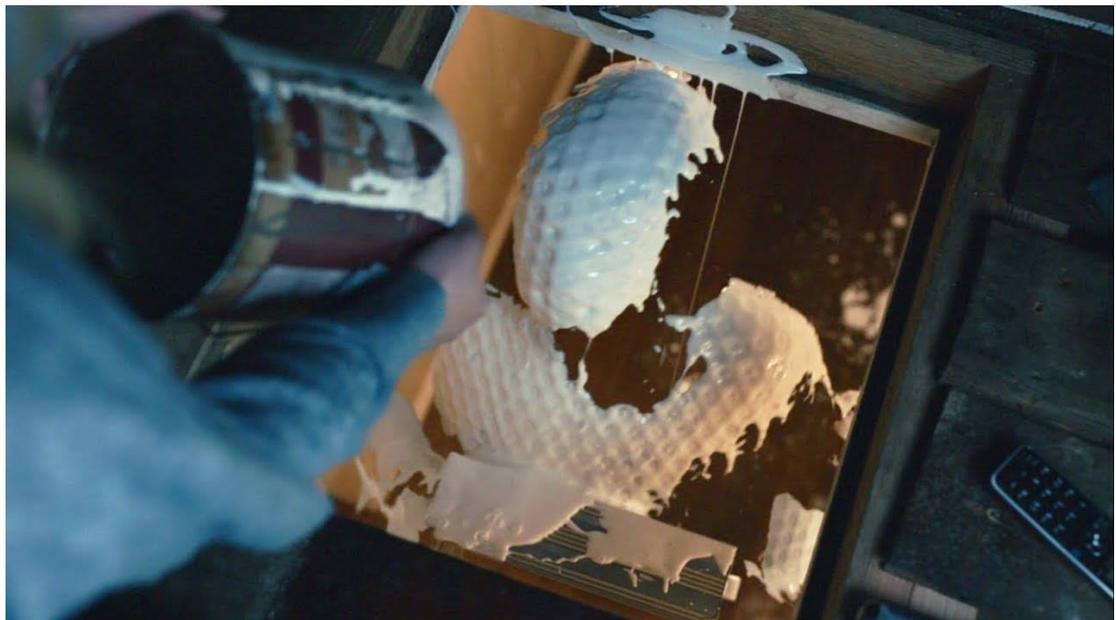
Cecilia tenta recomeçar a vida, em busca disso ela começa a buscar vagas de emprego, e consegue uma entrevista. Nesse ponto da trama ainda não está clara a existência do monstro, apesar da sugestão em cenas anteriores, mas são dados pequenos indícios e nessa cena mais um vem à tona. O entrevistador pede que a protagonista mostre o portfólio que possui como arquiteta, ao que Cecci prontamente atende pegando a pasta onde ela imagina estarem seus projetos, porém ao abrir a pasta ela está completamente vazia.

**Figura 7: “O Homem Invisível”**



Essa cena serve para indicar a ação do homem invisível, mas também para mostrar como agem diversos homens em relações abusivas, de modo a apagar a carreira e a profissão de suas parceiras para mantê-las dependentes financeiramente. Há ainda uma batalha pelo ego, no filme o bem-sucedido Adrien não aceitaria que Cecci buscasse uma posição de igualdade profissional e, portanto, mina as oportunidades de sucesso da companheira. A cena é finalizada com a protagonista desmaiando, no próximo plano ela se encontra em um hospital. Assim, as suspeitas quanto a sanidade de Cecci aumentam, e chegam ao ápice na cena em que ela se encontra com a irmã em um restaurante. Antes de analisarmos essa cena, devemos abordar o momento em que o filme encerra para o público a dúvida acerca da existência do homem invisível. Cecci tem a certeza de que Adrien está vivo e a assombrando, e o filme confirma para o público a teoria de sua protagonista em um embate entre Cecci e o monstro.

**Figura 8: “O Homem Invisível”**



A partir desse momento, o público e a protagonista têm certeza da existência do monstro, porém os outros personagens ainda duvidam da sanidade de Cecci. Assim analisamos o encontro entre a protagonista e sua irmã. Buscando reconciliação com Emily, Cecilia marca este encontro para contar a irmã que na verdade Adrien está vivo, de alguma forma invisível. Entretanto, o encontro é interrompido pelo chocante assassinato de Emily. Em um momento em que tanto o público quanto a protagonista parecem esquecer que o monstro pode está à espreita,

somos pegos de surpresa pela faca que flutua em direção à garganta de Emily e retorna para as mãos de Cecília.

**Figura 09: “O Homem Invisível”**



O filme mostra então a protagonista sendo responsabilizada pela morte da irmã, fazendo com que ela seja internada em um hospital psiquiátrico. As armas que o vilão dispõe para ameaçar Cecília são correspondentes às ameaças que todos estamos suscetíveis ao iniciar um novo relacionamento. Manipulação e dependência são retratadas no filme e elevadas à última potência, afinal os abusos continuam mesmo após a suposta morte do abusador. Como então a situação de nossa protagonista se resolve? Os minutos finais do filme mostram que, de fato, Adrien estava vivo, porém não era ele no traje de invisibilidade e sim seu irmão. Fato que não convence Cecci da inocência do ex-companheiro, e faz com que ela busque no objeto de sua tormenta, o traje de invisibilidade, a solução para suas dores. Usando o traje, ela assassina Adrien, de forma a simular um suicídio. Temos aqui a protagonista que recorre ao objeto de seu medo para se proteger e acabar com o mesmo.

“O Homem Invisível” traz em seu enredo um medo social já existente na sociedade antes da Covid 19, mas que foi intensificado com a pandemia. Relacionamentos afetivos

tornaram-se mais complexo inseridos no contexto da pandemia. A intensificação do medo da morte e da solidão agiram como impulsionadores para relacionamentos de extrema dependência e também relacionamentos líquidos (BAUMAN, 2003).

## 8.2 A Lenda de Candyman

Em 26 de agosto de 2021 chegou aos cinemas brasileiros o filme “A Lenda de Candyman”, aguardada sequencia do longa de 1992 “O Mistério de Candyman”. O filme apresenta a história do bairro de Cabrini Green, que diferente do primeiro filme em que era um bairro empobrecido, é agora ambiente badalado e cobiçado por jovens. O bairro possui a lenda urbana do Candyman, um assassino sobrenatural que possui um gancho no lugar de uma das mãos e surge ao ser chamado cinco vezes em frente a um espelho. Como protagonista da história temos Antony McCay (Yahya Abdul-Mateen II) artista que chega ao bairro com sua namorada, Brianna Cartwright (Teyonah Parris). Ao enfrentar um bloqueio criativo, Antony recorre à lenda urbana do bairro para se inspirar.

“A Lenda de Candyman” estreia em um momento de retomada do convívio social. Os indices de mortalidade da Covid 19 começavam a reduzir e flexibilizações nas medidas de combate eram postas em prática. O longa que iniciou sua produção em 2019, chegava aos cinemas e era recebido de forma positiva pela crítica, no agregador de resenhas *Rotten tomatoes* o filme possui uma aprovação de 84%. Lançado quase 3 décadas depois de seu longa original, a produção de 2021 atualiza e renova a franquia para uma nova conjuntura social.

**Figura 10: A Lenda de Candyman**



### 8.2.1 Este filme é sobre . . . Ciclos de Violência Racial

“A Lenda de Candyman” é um filme que aborda de forma clara um ciclo de violência racial que se perpetua e ganha forma na figura do monstro com um gancho no lugar da mão. A lenda presente no título do longa consiste em invocar o monstro o chamando em frente a um espelho, dizendo cinco vezes o seu nome. Dentro do enredo do longa, a figura do ‘Candyman’ baseia-se na história de vários homens negros que foram vítimas de violências barbaras que resultaram em suas mortes, sendo que o primeiro homem a assumir o gancho seria Daniel Robitaille, filho de escravos libertos que alcança sucesso por meio de pinturas. Ele é contratado para criar um retrato de uma moça branca, por quem acaba se apaixonando e iniciando um romance. O envolvimento entre os dois aumenta e a jovem engravida de Daniel antes do casamento. O relacionamento que não era aprovado, passa agora a provocar a fúria tanto do pai da moça quanto da sociedade que se une em uma multidão de linchadores para cortar a mão de Daniel, untando, posteriormente, seu corpo com mel. A multidão usa ainda um enxame de abelhas para torturar Daniel, que acaba morrendo. A história de Daniel e sua ação como Candyman são contadas no filme original de 1992, “O Mistério de Candyman”.

**Figura 11: “O Mistério de Candyman”**



O longa original de 1992 estrelado por Tony Todd, explora a lenda existente em Cabrini Green quase como um experimento social realizado pela personagem Helen (Virginia Madsen), acadêmica que estuda folclore contemporâneo. Na abordagem escolhida nesse filme, o personagem do Candyman assume a postura clássica de vilão do cinema de horror, sendo o objeto do medo presente no filme. Ainda que questões raciais estejam presentes, elas não são o foco central, muito menos a origem do medo tratado no filme, que por vezes acaba usando a imagem do monstro de modo a reforçar estereótipos atribuídos a homens negros, como por exemplo a atitude predatória contra mulheres brancas. No longa lançado em 2021, a abordagem escolhida é outra.

Dirigido por Nia DaCosta e produzido por Jordan Peele, a continuação do longa de 1992 traz atualizações importantes para a franquia. A figura do ‘Candyman’ não é utilizada como finalidade da construção do medo do filme, ele torna-se uma alegoria para a violência racial, que é o real medo social retratado pela produção. O personagem principal, Anthony McCoy (Yahya Abdul-Mateen II), ao buscar inspiração para sua arte na lenda urbana de Cabrini Green acaba iniciando um processo de simbiose com a mesma. Assim como em “O Homem Invisível”, podemos observar, de forma ainda mais explícita, a degradação corporal de Anthony (causada no aspecto físico por uma picada de abelha) à medida que ele se aprofunda e, inevitavelmente, se torna a lenda. As relações de Anthony, sobretudo com sua companheira Brianna (Teyonah Parris) também se degradam, e assim como a personagem de Elizabeth Moss em “O Homem Invisível”, sua sanidade e inocência são colocadas a prova, uma vez que sua nova produção sugere que o público invoque o Candyman, fazendo com que mortes ocorram.

Retomando a classificação dos medos contemporâneos segundo Bauman (2008), percebemos que o medo da violência racial retratado no filme abrange duas das classificações proposta pelo sociólogo: o medo da violência contra o corpo e a ameaça a posição do indivíduo na hierarquia social. Ainda segundo Bauman, esta última ameaça pode pôr em risco a imunidade à degradação e à exclusão social. No longa, evidencia-se essa ameaça a posição do protagonista quando observamos o tratamento inicial dado à ele no momento de expectativa acerca de sua nova produção artística e o tratamento que ele recebe na estreia da obra, que é vista como simplória.

**Figura 12: A Lenda de Candyman**



Como discutimos no parágrafo anterior, a abordagem do longa de 2021 tem outro enfoque, que pode ser evidenciado em algumas escolhas da direção, como por exemplo o fato de que o monstro não mata nenhum personagem negro, toda a violência contra corpos negros é retratada por meio de um teatro de sombras enquanto a degradação do corpo é reservada ao protagonista Anthony, porém esse processo é tratado dentro do filme como algo necessário para que a figura do Candyman reapareça, não mais como o assassino do primeiro filme, mas sim como um equalizador da relação entre negros e brancos, isso é constatado nos minutos finais do longa.

No desfecho do filme, temos o protagonista em estágio final de incorporação da figura do monstro, a reação causada pela picada de abelha parece ter tomado conta de seu corpo e o famoso gancho já se encontra no lugar de sua mão. Brianna encontra Anthony em uma igreja abandonada, ele estava sendo procurado pela polícia por conta dos assassinatos envolvidos com sua obra. Com a chegada dos policiais ao local e mesmo que não represente ameaça, Anthony é assassinado nos braços de sua companheira. No caminho para delegacia, Brianna é coagida por um policial a relatar que Anthony atacou a sua equipe, Brianna concorda, mas pede que antes possa se ver no espelho e nesse momento ela invoca o monstro para se salvar de mais uma violência racial.

Assim, temos novamente o tropo narrativo da protagonista que recorre ao objeto de seu medo, no caso a figura do Candyman, para se defender e proteger do medo social que a aflige. O filme é finalizado com a participação especial de Tony Todd que reprisa seu papel original e finaliza o longa pedindo à personagem de Brianna que “conte para todo mundo”, sinalizando uma mensagem de esperança frente ao horror da violência racial.

### 8.3 The Last Of Us

A última produção analisada será a série televisiva “The Last Of Us”, analisaremos dois episódios de forma específica, mas buscaremos trazer pontos gerais que constituem todos os episódios. Lançada em janeiro de 2023, a adaptação do game homônimo, chegou em um momento já afastado dos auges da pandemia, mas próximo o suficiente para que a relevância do tema abordado seja observada. A produção retrata o mundo imerso em um cenário apocalíptico causado por uma doença fúngica, portanto os paralelos com a realidade aterrorizante da pandemia do Covid 19 são claros. Acompanhamos a história de Joel (Pedro Pascal) e Ellie (Bella Ramsey), homem que perdeu a filha no início dos acontecimentos da série e tem como objetivo levar Ellie a centros de pesquisa sobre a doença, da qual ela aparentemente é imune. Aguardada com ansiedade e altas expectativas do público, a série foi recepcionada com boas avaliações dos espectadores e da crítica tornando-se um fenômeno cultural. Analisaremos o piloto da série “Quando estiver perdido na escuridão” e o episódio “Por muito, muito tempo”

**Figura 13: The Last Of Us**



### 8.3.1 Esta série é sobre . . . Relacionamentos

A série traz em seu enredo alguns temas, abordagens e tropos comuns ao subgênero dos zumbis, podemos destacar o canibalismo, a desestruturação social ou as forças opressoras que tentam retomar o controle social. Porém dentre essas temáticas nenhuma tem tanta importância quanto o relacionamento entre as pessoas. Esse é o grande tema que passa por todos os episódios e mais de uma vez é o foco principal dos capítulos. O casal protagonista, Joel (Pedro Pascal) e Ellie (Bella Ramsey) emulam uma relação de pai de filha que é construída no desenrolar da trama, este é o tópico principal da produção. Vale destacar, que assim como as outras produções analisadas, *The Last Of Us* não é um projeto original, a série é uma adaptação do game de mesmo nome lançado em 2013.

O início da produção da série foi anunciado em março de 2020, momento que a pandemia de Covid 19 eclodia mundo à fora, parecia o momento oportuno para o surgimento da produção, porém à medida que a pandemia atingia maiores proporções a produção foi interrompida e a série chegou ao público apenas em janeiro de 2023. A data de lançamento se mostrou ideal para o público, uma vez que o momento global era de reflexão sobre os anos pandêmicos vividos em 2020 e 2021. A seguir, analisaremos de forma detalhada os dois episódios selecionados, tanto o piloto quanto o terceiro episódio da série são imprescindíveis para entendermos o tema principal da série, o relacionamento entre as pessoas, ao mesmo tempo que traçamos paralelos com o medo social causado pela pandemia experienciada no mundo real.

### 8.3.2 “Quando estiver perdido na escuridão”

A série inicia sua trama mostrando um programa televisivo da década de 60, uma entrevista com um epidemiologista, Doutor Neuman. O apresentador questiona o cientista sobre o risco de uma pandemia viral, ao que Neuman responde estar despreocupado, afinal a humanidade está sempre em batalha com esse tipo de organismo, porém o que realmente lhe preocupa são os fungos. Essa cena inicial serve como um prólogo, e apesar de ser ambientada em 1968, conseguimos traçar diversos paralelos com o cenário global do ano de 2020. Muitos foram os alertas dos cientistas sobre os riscos do novo coronavírus quando ainda não se imaginava a dimensão que a doença tomaria. Na cena descrita acima é possível observar a plateia do show televisivo apreensiva enquanto doutor Neuman descreve a ação do fungo e seu risco, essa mesma reação de incredulidade experienciamos ao ver, por exemplo, as falas do

biólogo Átila Lamarino, que no ano de 2020 previu que o Brasil podia chegar ao número de um milhão de mortos em decorrência da Covid 19.

A realidade aterrorizante se instalava na sociedade, e recorrendo novamente a Bauman, podemos observar a concretização da insegurança e desconfiança na ordem social vigente. O que era rotineiro teve de se adaptar ao cenário pandêmico, meios de sustento e empregos deixaram de ser viáveis, a sociedade como um todo buscava um meio de se adaptar. A série retrata em seu primeiro episódio esse enredo, a sociedade que repentinamente quebra e luta pra se adaptar.

Seguimos a trama da série no ano de 2003, vemos Joel no dia de seu aniversário. Ele e seu irmão Tommy (Gabriel Luna) levam a filha de Joel, Sarah (Nico Parker), para a escola. Já a noite Tommy é preso e liga para o Joel o ajudar. A partir desse momento o episódio segue mostrando o caos se instaurando, as pessoas se defendendo dos infectados e tentando fugir enquanto soldados tem ordens para matar infectados, e possíveis infectados. Ao tentarem fugir da cidade, Joel, seu irmão e Sarah, sofrem um acidente de carro que acaba ferindo a menina, e logo em seguida ela é assassinada por um soldado.

**Figura 14: The Last Of Us**



Após esse início, acompanhamos Joel no ano de 2023, na zona de quarentena da cidade de Boston. A sociedade agora é governada por uma organização totalitária, a FEDRA (Agência Federal de Reposta ao Desastre). A ordem social é mantida pela força e controle, Joel atua como contrabandista, e está em busca de uma bateria de carro para poder encontrar seu irmão. Para conseguir isso, Joel negocia com um grupo de resistência, os vagalumes, para levar a ameenina chamada Ellie até o Capitólio. Se estabelece a relação entre Joel e Ellie, que será a base de toda a série.

Este episódio introduz as características dos protagonistas e da as bases do que será desenvolvido nos próximos capítulos. A temática da relação entre os personagens é estabelecida, trazendo a interação entre Joel, personagem que lida com o trauma da perda da filha, e Ellie, menina rebelde que busca seu lugar em meio a tudo que acontece. A dinâmica entre os dois se desenvolve construindo laços que os ajudarão a enfrentar os medos e também a encontrar seu lugar na nova ordem social vigente. Uma sociedade que vive o caos acaba por fazer seus indivíduos se tonarem caóticos, sem proposito nem perspectivas. Joel acha em Ellie um meio de lidar com seu trauma e também um proposito para desempenhar ações, algo que o motive. Ao passo que Ellie encontra em Joel sua figura paterna, que proporciona a ela o mínimo de estabilidade para enfrentar a realidade.

Podemos observar essa busca por papeis e propósitos também no contexto da pandemia do Covid 19. Em meio a realidade que retira das pessoas seus papeis prévios, essas passam a buscar em outras atividades uma maneira de enfrentar o cenário posto. Práticas como cozinhar, meditar, ou mesmo o trabalho voluntario cresceram durante a quarentena, as pessoas estavam buscando novos modos de ser e estar que os ajudassem a enfrentar a realidade aterrorizante da pandemia e manter as relações interpessoais. Para tratar desse tema analisaremos o terceiro episódio da série: “Por muito, muito tempo”

### **8.3.3 “Por muito, muito tempo”**

Neste episódio acompanhamos a história de Bill (Nick Offerman) e Frank (Murray Bartlett). Bill é um “sobrevivencialista”, ou seja, alguém que se prepara para emergências e que está a todo momento desconfiado de que a ordem social ruirá. Mesmo antes da doença se tornar uma ameaça, ele já possui em sua casa um bunker para proteção, além de armas e mantimentos. Após seu vilarejo ser evacuado, Bill começa a criar armadilhas ao redor de sua casa, e é em uma delas que eventualmente o carismático Frank é pego.

Frank pede comida, e acaba conseguindo entrar na fortaleza construída por Bill, que prepara um belo jantar para os dois. O jantar é marcado por um ar de flerte, que se confirma em uma memorável cena ao piano, em que Bill toca a música “Long Long Time” de Linda Ronstadt. Esse episódio marca um respiro na narrativa da série, abrindo espaço para um romance homoafetivo inesperado. Inesperado pois no jogo, Frank não aparece em tela e o romance entre os personagens não é explicitado. Na série, felizmente, o casal permanece junto até o fim de suas vidas, que é representado de forma extremamente delicada e condizente com a história contada no episódio.

**Figura 15: The Last Of Us**



O comportamento de Bill, buscando constante proteção mesmo quando não há ameaças é a resposta natural ao medo, este sentimento que segundo Bauman (2008), se enraíza em nossos motivos e propósitos, se estabelece em nossas ações e nos estimula a assumir uma ação defensiva. Assim, o personagem interpretado por Offerman representa este indivíduo que está imerso no medo, paranoico e isolado, sobretudo isolado. A chegada de Frank, traz para Bill o contato com outro, traz propósito que o ajuda a enfrentar o medo.

A série tornou-se um fenômeno, confirmando mais uma vez a força das produções lançadas nos serviços de *streamings*. O modelo de lançamento de um episódio por semana fez

com que o interesse na série se mantivesse alto ao longo do tempo, fazendo inclusive que a venda de cópias dos jogos aumentasse em 283% no Reino Unido, por exemplo.

A história retratada ao longo da série mostra meios de enfrentamento de uma realidade aterrorizante, ressaltando a importância dos relacionamentos e laços afetivos como meio de combate aos medos. Durante os 9 episódios, poucas vezes os monstros são o foco ou a ameaça real, essa se mostra muito mais forte na quebra da ordem social e nas ações dos personagens. Uma sociedade que não sabe como se relacionar é o real perigo.

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação do medo é a substância básica dos filmes de horror, e como dito anteriormente, essa representação funciona como um espelho para os medos contemporâneos. Diferentes contextos expressam diferentes medos, assim como grupos específicos também possuem medos específicos. Portanto, a reflexão acerca dos medos proporcionados pela realidade aterrorizante da pandemia do Covid 19 mostra-se necessária para entendermos como a sociedade lida com esses medos e os usa como combustível para suas narrativas. Assim, a análise das obras responde a algumas dessas questões.

O estudo feito neste trabalho explicita como medos sociais contemporâneos, dentre os quais podemos destacar seus referentes ameaças - o relacionamento abusivo, a violência racial ou a ruína da ordem social – constituem a sociedade e sua produção cultural, mais especificamente, as produções audiovisuais. As obras analisadas são símbolos de seu tempo e sua sociedade. Enquanto em “O Homem Invisível” temos a representação do homem abusador que atormenta e oprime a companheira, em “A Lenda de Candyman” observamos a opressão que uma estrutura social preconceituosa faz sobre um grupo específico de indivíduos, de forma sistematizada e perpetuada.

Podemos observar nos dois longas características que nos ajudam a responder às questões propostas no problema de pesquisa. Em ambas, o medo é representado de forma a mostrar a atuação de forças opressoras que inicialmente atacam os protagonistas de modo psicológico, invalidando suas ações e colocando em dúvida seu estado psicológico. Em tela observamos essa violência por meio da degradação física dos personagens. As tramas seguem para o embate físico entre o protagonista e seu medo, e esse passa a ocupar uma posição privilegiada, atuando quase como um personagem que possui objetivos, história própria e desenvolvimento. Diferentemente de outros momentos da história do gênero de horror, o medo agora é tratado não apenas como uma ameaça aos protagonistas, mas sim como um componente de suas construções, sua psique e suas ações – o protagonista torna-se o próprio medo.

Essa característica tem um propósito que é explorado nas produções analisadas: a resignificação do medo. Tanto “O Homem Invisível” quanto “A Lenda de Candyman” tem seu desfecho no momento em que seus protagonistas completam esse processo de resignificação. No longa de 2020 temos a resolução da trama na cena em que Cecília veste o traje de invisibilidade e assassina Adrien, ao passo que no longa de 2021 a trama é encerrada com

Brianna recorrendo a lenda para ser salva da violência policial. Assim, entende-se que a busca de proteção frente ao medo é representada por meio da ressignificação do mesmo.

Por outro lado, “The Last Of Us” trata o medo como agente da incerteza e desconfiança. Uma vez que a temática central da série são os relacionamentos, é fácil perceber como o medo, agindo em prol da desconfiança, acaba por atrapalhar a criação de laços entre os personagens. Cada interação entre os personagens é cercada por insegurança. Olhando para a pandemia real do ano de 2020, a desconfiança também era perceptível, mesmo entre familiares a preocupação em saber se o outro está infectado ou não afetava a relação entre as pessoas. Tanto na ficção como na realidade, agentes biológicos instauraram não apenas a desordem social como a desconfiança. Em resposta a esse medo, a série apresenta o afeto como resposta, como observamos no episódio “Por muito, muito tempo”. A relação entre Bill e Frank explicita bem a saída do estado de total desconfiança para o vínculo de afeto profundo, da mesma forma vemos essa transição na relação dos protagonistas Joel e Ellie. A série mostra que proteção frente ao medo posto em tela se dá pela criação de vínculos afetivos.

Portanto, o medo segue atuando como importante componente das narrativas do gênero de horror, mas desta feita com um novo enfoque, que busca representa-lo não apenas como ameaça. A representação desse sentimento nas produções audiovisuais ganha novas camadas em todos os componentes filmicos, sobretudo nos personagens. Um gênero que caminha lado a lado com a sociedade deve se atualizar constantemente, e eventos que marcam a sociedade também marcam o gênero. A pandemia do Covid 19 fez com o que o público vivesse uma realidade aterrorizante na qual o medo não era apenas uma ameaça, mas componente central de suas rotinas. Assim, vemos que os medos sociais passam a constituir o gênero proporcionando novas leituras e possibilidades que vão além da abordagem inicial como ameaça externa, passando a serem compreendidos também como características intrínsecas de seus personagens, enredos e motivações assim como da realidade que retratam.

## 10. REFERÊNCIAS

### 10.1 Filmografia

A BRUXA DE BLAIR. Direção: Daniel Myrick, Eduardo Sánchez. Estados Unidos, 1999.

A BRUXA. Direção: Robert Eggers. Estados Unidos, 2016.

A LENDA DE CANDYMAN. Direção: Nia DaCosta. Estados Unidos 2021.

A LUZ DO DEMÔNIO. Direção: Daniel Stamm. Estados Unidos, 2022.

AS TERRÍVEIS AVENTURAS DE BILLY E MANDY. Direção: Maxwell Atoms. Estados Unidos: 2001-2007

CHEGADA DE UM TREM À ESTAÇÃO DE LA CIOTAT. Direção: Auguste Lumière, Louis Lumière. França, 1895.

CONTÁGIO. Direção: Steven Soderbergh. Estados Unidos: Warner Bros, 2011.

EU SOU A LENDA. Direção: Francis Lawrence. Estados Unidos, 2007.

EXORCISMO SAGRADO. Direção: Alejandro Hidalgo. Estados Unidos, 2022.

GUERRA MUNDIAL Z. Direção: Marc Forster. Estados Unidos, 2013.

HALLOWEEN ENDS. Direção: David Gordon Green. Estados Unidos, 2022.

HALLOWEEN. Direção: David Gordon Green. Estados Unidos. 2018.

HALLOWEEN. Direção: John Carpenter. Estados Unidos, 1978.

HEREDITÁRIO. Direção: Ari Aster. Estados Unidos, 2018.

NÃO! NÃO OLHE! Direção: Jordan Peele. Estados Unidos, 2022.

O CASTELO DO DIABO. Direção: Georges Méliès. França, 1896.

O GABINETE DO DR. CALIGARI. Direção: Robert Wiene. Alemanha, 1920.

O HOMEM DO NORTE. Direção: Robert Eggers. Estados Unidos. 2022.

O HOMEM INVISÍVEL. Direção: Leigh Whannell. Estados Unidos, 2020.

O TELEFONE PRETO. Direção: Scott Derrickson. Estados Unidos, 2022.

ÓRFÃO 2: A ORIGEM. Direção: William Brent Bell. Estados Unidos, 2022.

PÂNICO V. Direção: Matt Bettinelli-Olpin, Tyler Gillett. Estados Unidos, 2022

SCOOBY DOO. Direção: Joseph Barbera, William Hanna. Estados Unidos, 1969-1970.

SORRIA. Direção: Parker Finn. Estados Unidos, 2022.

THE BABADOOK. Direção: Jennifer Kent. Austrália, 2014.

THE LAST OF US. Direção: Neil Druckmann. Estados Unidos, 2023.

VAMPIRO DE ALMAS. Direção: Don Siegel. Estados, 1956.

X - A MARCA DA MORTE. Direção: Estados Unidos:

## 10.2 Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Brasil: Zahar, 2008

Bauman, Zygmunt. **Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CICERI, Maria Rita. **Medo: Lutar ou Fugir? As Muitas Estratégias de um Mecanismo de Defesa Instintivo**, O. São Paulo, Loyola, 2001.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do Trabalho Social**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DURKHEIM, Émile. **As formas Elementares de vida religiosa. O sistema totêmico na Austrália**. Trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

MARIANI, LUCIANO. **"Why do we pay to get scared?" The paradoxical lure of horror films**. Cinemafocus, 2019.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)**. VI Congresso SOPCOM, 2009

SANTOS, J. C. P. A. D. **Os filmes de terror como alegoria para os horrores sociais**. Centro Universitário de Brasília. Brasília. 2009.

SCRIVNER et al. **"Pandemic Practice: Horror Fans and Morbidly Curious Individuals Are More Psychologically Resilient During the COVID-19 Pandemic."** PsyArXiv.

SKINNER, B. F. (1953). **Science and Human Behavior**. New York: McMillan. 2020.